

---

## **Socialismo e Humor na Imprensa Alternativa: Análise dos Depoimentos de Ziraldo e de Raimundo Pereira no Projeto “Resistir é Preciso”<sup>1</sup>**

Leopoldo PEDRO NETO<sup>2</sup>

Marcos Paulo da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campo Grande

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo realizar uma análise qualitativa dos depoimentos fornecidos por Raimundo Pereira e por Ziraldo ao projeto “Resistir é Preciso”, do “Instituto Vladimir Herzog”, com intenção de compreender mais amplamente as perspectivas dos agentes em questão sobre o fenômeno da imprensa alternativa na ditadura militar brasileira (1964-1985). Do ponto de vista teórico, o artigo aborda as discussões referentes à imprensa alternativa devidamente contextualizadas em relação ao período ditatorial brasileiro. Em um vértice metodológico, os trechos mais profícuos para a discussão do objeto foram decupados e elencados com intuito de estabelecer semelhanças e contrastes no que tange à visão dos dois agentes, suas práticas e estratégias de contestação ao regime. Como resultado, se notabilizou diferentes maneiras de atuar e de resistir à repressão política no período.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Imprensa alternativa; Ditadura Militar Brasileira; Resistir é Preciso; Instituto Vladimir Herzog.

### **1. Para situar o debate**

Como bem ressalta Bernardo Kucisnki (2018), entre os anos de 1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como característica um caráter contestatório ao poder estabelecido pelos militares com apoio da burguesia nacional. Para Marcos Napolitano (2018, p. 223), “o espaço de maior comunicação do intelectual com um público leitor mais amplo foi a chamada ‘imprensa alternativa’ – inserida no contexto de uma ampla resistência cultural, composta por instâncias como a produção editorial, os centros de pesquisa acadêmica e a produção artística.

Tendo em consideração tal contexto histórico, este artigo – ancorado em uma pesquisa mais ampla em nível de pós-graduação – tem por objetivo realizar uma análise dos depoimentos dos jornalistas responsáveis por compor o quadro da imprensa alternativa. Como corpus de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: leeeoneto28@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da UFMS. E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

pesquisa, se optou pela análise qualitativa das entrevistas que Raimundo Pereira e Ziraldo – jornalistas que exerceram posições de proeminência (KUCINSKI, 2018) na imprensa alternativa da década de 1970 – forneceram ao projeto “Resistir é Preciso”, do “Instituto Vladimir Herzog”. O crivo de análise para a escolha dos profissionais em questão remete ao papel de importância que eles exerceram nos jornais “Opinião/Movimento” e “Pasquim”<sup>4</sup> – periódicos integrantes dos oito alternativos de maior circulação na década de 1970, “com uma vendagem total, entre 1975 e 1976, da ordem de 120 a 160 mil exemplares” (KUCISNKI, 2018, p. 139). Nesse sentido, também pode-se levar em consideração nas opções analíticas as diferentes propostas editoriais desses jornais.

*Resistir é Preciso* é o título de um projeto do “Instituto Vladimir Herzog” com a intenção de recuperar a história da resistência cultural e política do jornalismo em relação à ditadura militar brasileira. Em sua totalidade, se divide em cinco projetos complementares, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação. No site <https://resistirepreciso.org.br/> estão organizadas as principais informações. No endereço, consta uma aba com cinco seções. Intitulada “Protagonistas Desta História”<sup>5</sup>, a opção primária possui depoimentos e uma pequena biografia de sessenta jornalistas, intelectuais e militantes políticos que atuaram no campo jornalístico no combate à ditadura-militar. A análise será realizada a partir desses depoimentos<sup>6</sup>.

No estudo, se busca compreender, a partir das falas dos entrevistados, as seguintes questões: 1) Como os dois agentes atuaram no processo de resistência à ditadura militar?; 2) Como eles lidaram com o aparato repressivo do regime? No intuito de fornecer respostas aos questionamentos evidenciados, o artigo irá se estruturar em tópicos responsáveis por fomentar as categorias de análise e de compreensão do fenômeno abordado. Em um primeiro momento, irá se realizar uma contextualização do projeto “Resistir é Preciso”. Em sequência, o artigo busca delimitar, no plano teórico-conceitual, o que se define como imprensa alternativa e os desdobramentos desta categoria. No último tópico, o estudo irá realizar a análise dos depoimentos com base na construção teórica edificada. Do ponto de vista metodológico, os principais trechos do depoimento que dialogam com o objeto construído – as visões dos jornalistas sobre o fenômeno da imprensa alternativa – foram decupados e se buscou estabelecer elementos de comparação e de diferenciação em suas percepções sobre a esfera jornalística.

<sup>4</sup> Raimundo Pereira foi editor do “Opinião” e de sua dissidência “Movimento” e Ziraldo foi um dos cartunistas de “O Pasquim”.

<sup>5</sup> <https://resistirepreciso.org.br/protagonistas-dessa-historia/#this>

<sup>6</sup> Embora os depoimentos no site do projeto estejam editados, o “Instituto Vladimir Herzog” os forneceu na íntegra para fins desta pesquisa – resultado parcial da dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

---

## 2. O Instituto Vladimir Herzog e o projeto Resistir é Preciso

Os depoimentos analisados integram um Projeto que passa por uma instância legitimadora justificante de sua relevância: o crivo do “Instituto Vladimir Herzog”, uma das principais organizações atuantes na luta pela memória e pela história da resistência ao autoritarismo vivenciado na ditadura militar brasileira. Com o objetivo de preservar a representação de luta sistematizada pelo emblema do jornalista Vladimir Herzog, a Instituição sem fins lucrativos, classificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Ministério da Justiça, busca discutir os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais no âmbito nacional com base nas consequências que os 21 anos de autoritarismo resultaram para o Brasil. Criado em junho de 2009 por um grupo de colegas e pela família do jornalista<sup>7</sup>, o Instituto trabalha ancorado em valores como democracia, direitos humanos e liberdade de expressão<sup>8</sup>. Nesse sentido, com uma equipe com mais de 60 membros<sup>9</sup>, presidida por Clarice Herzog – socióloga e ex-esposa de Herzog–, realiza uma série de projetos no plano político-cultural com objetivo de manter em discussão ideais democráticos, ações nas áreas de educação, editoração, premiação de profissionais jornalistas<sup>10</sup> e outros produtos culturais<sup>11</sup>.

Dentro do panorama mais amplo do Instituto e de sua legitimidade em relação à discussão sobre a ditadura militar, se insere o projeto “Resistir é Preciso”. O título nomeia um projeto com o objetivo de recuperar a memória e a história da resistência cultural e política da imprensa alternativa que atuou contra o Estado autoritário brasileiro. Em sua totalidade, o projeto mais amplo se divide em cinco subprojetos complementares, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação. No site <https://resistirepreciso.org.br/> estão organizadas suas principais informações relevantes.

## 3. A imprensa alternativa: características e elementos

Diferentes espaços de produção simbólica, inseridos no seio da cultura das esquerdas do período, como a literatura, a produção intelectual e artística, teceram reflexões e debates profícuos sobre a ditadura, o autoritarismo e as práticas políticas oposicionistas. Em sintonia, outra instância de produção simbólica que constitui esse *ethos* de oposição à ditadura é a imprensa alternativa. Como destaca Napolitano (2018, p. 223), “o espaço de maior

---

<sup>7</sup> <https://vladimirherzog.org/nossa-historia/>

<sup>8</sup> <https://vladimirherzog.org/o-instituto/>

<sup>9</sup> <https://vladimirherzog.org/o-instituto/conselho/>

<sup>10</sup> <https://vladimirherzog.org/unidades-de-acao/>

<sup>11</sup> <https://vladimirherzog.org/unidades-de-acao/>

---

comunicação do intelectual com um público leitor mais amplo foi a chamada ‘imprensa alternativa’ – inserida no contexto mais amplo da resistência cultural.

O termo *alternativo* já fornece uma pista sobre uma das principais características do conceito: um modelo de imprensa que possibilita um outro modo de fazer e de pensar o jornalismo, uma outra opção para um padrão *convencional* – um dos possíveis antônimos para o adjetivo “alternativo”. Diversos autores se debruçam sobre o estudo e a definição desse modelo de imprensa escrita. No que tange especificamente ao caso brasileiro, trabalhos como os de Maria Aparecida de Aquino (1999), Círcia Peruzzo (2006) e Bernardo Kucinski (2018) buscam delinear de maneira mais precisa as características do fenômeno no período ditatorial.

Círcia Peruzzo (2006) enfatiza o desalinhamento das práticas jornalísticas alternativas ao modelo tradicional e as classifica como “o tipo de imprensa não alinhada à linha da mídia tradicional, então sob a batuta do regime militar no Brasil” em um contexto histórico no qual “a maioria dos grandes jornais se alinhava à visão oficial do governo, por opção político-ideológica ou pela coerção, sob a força da censura” (PERUZZO, 2006, p.7). Em tal horizonte, “a imprensa alternativa representada pelos pequenos jornais, em geral com formato tablóide, ousava analisar criticamente a realidade e contestar um tipo de desenvolvimento”. (PERUZZO, 2006, p. 7). Outro elemento importante ressaltado pela pesquisadora se trata de quem foram os agentes responsáveis por essas diferentes formas de contestação – panorama onde se inseriram historicamente Raimundo Pereira e Ziraldo. Os veículos eram “dirigidos e elaborados por jornalistas de esquerda, alguns ligados à pequena burguesia, que, cansados do autoritarismo, aspiravam um novo projeto social” e tinham por objetivo “informar a população sobre temas de interesse nacional numa abordagem crítica” (PERUZZO, 2006, p.7).

Bernardo Kucinski (2018), em sua tese de doutorado que se tornou um livro, mapeou cerca de 150 jornais alternativos entre os anos de 1964 e 1980 que tinham como componentes comuns à oposição ao autoritarismo que a ditadura representava. Kucinski (2018) discute os dois nomes sobre os quais o fenômeno era chamado no período: imprensa *alternativa* ou *nanica*. Sob a alcunha *alternativa*, Bernardo Kucinski (2018) elenca o significado desse modelo de imprensa: não está ligada às políticas dominantes, serve como uma alternativa entre duas coisas reciprocamente excludentes (ditadura militar e imprensa convencional). Nesse sentido, se coloca como horizonte para a situação difícil do período, assim como expressa o desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970 de protagonizar as transformações sociais que acreditavam.

As contribuições de Maria Aparecida de Aquino (1999, p. 122) se inserem em uma busca pela definição dos principais elementos da imprensa alternativa e da imprensa

convencional. Para a historiadora, a *imprensa convencional* “organiza-se em torno dos princípios do liberalismo, estruturando-se como uma empresa capitalista que pode atingir pequeno, médio e grande porte (e, nesse caso, é chamada de grande imprensa)”. Por se orientar pelo ideal liberal, esse modelo de imprensa se vale de uma “suposta defesa da imparcialidade na apuração dos fatos” e, nesse sentido, diferencia dois tipos básicos de jornalismo: “o informativo (artigos e reportagens com a presença apenas de descrição dos eventos)” e, também, “o opinativo (os editoriais e as matérias assinadas, considerados como expressão da opinião do grupo representante do periódico ou de seu autor em particular”.

Nesse sentido, a imprensa convencional parte do princípio de exposição de vozes de diferentes correntes de forma supostamente igual. O modelo financeiro da imprensa convencional é estruturado principalmente por anunciantes, sendo “somente uma pequena parcela de seus recursos que deriva das vendas em bancas e assinantes”. Aquino (1999, p. 122) também reitera que no nível de produção de informações, a imprensa convencional se utiliza do esquema de organização industrial e da compra notícias internacionais de grandes agências como *Associated Press*, *France Press* e *UPI*.

Em contrapartida, a imprensa alternativa “ocupa, de variadas formas, o espaço deixado pelo tipo de imprensa que segue o modelo convencional” (AQUINO, 1999, p. 122). Segundo Aquino (1999), em quesitos organizacionais, pode se estruturar de duas maneiras: em termos empresariais, como o caso do jornal “Opinião”, pertencente ao deputado e empresário Fernando Gasparian, assim como a partir da propriedade coletiva, composta por um grupo de jornalistas e também de representantes de diferentes grupos sociais. A imprensa alternativa não se propõe neutra, imparcial tal qual a imprensa de caráter liberal, “assumindo-se a serviço da defesa de interesses de grupos como, por exemplo, partidos, sindicatos, associações, minorias raciais e sexuais, e mesmo entidades religiosas” (AQUINO, 1999, p. 122). Contrariamente à suposta isenção da imprensa convencional, o modelo de jornalismo é definido pela autora como “engajado” e “orientado a não separar a informação da opinião”. Do ponto de vista financeiro, sua manutenção advém da venda de bancas, de assinaturas ou de apoio à sua linha editorial (filiados a sindicatos, associados a partidos ou até mesmo fiéis, no caso de jornais religiosos).

Em um momento de cerceamento da liberdade de expressão e de opinião pelo Estado brasileiro, o espaço que a imprensa alternativa possibilitou para os diversos setores de oposição se expressarem e legitimarem suas visões de mundo a tornava um espaço interno de disputas – fator este que evidencia dois fatores importantes para se tomar em consideração na análise: 1) o caráter não-rígido do conceito de imprensa alternativa, sendo o próprio sufixo alternativa, como discutido por Kucisnki (2018), o indicativo de que se trata de um modelo de

imprensa que se coloca como opção entre outros modelos de imprensa, se posicionando como um caráter crítico às políticas dominantes; 2) por não ser fixo, também não pode ser analisado sobre um viés monolítico e dicotômico, que limita a complexidade do fenômeno a partir de uma abordagem simplista da chave-interpretativa dominação-resistência – contribuição teórica que ajudará a compreender os possíveis desdobramentos dos depoimentos dos agentes entrevistados.

#### **4. Raimundo Pereira e Ziraldo: a imprensa alternativa em duas visões**

Como reiterado na introdução, os trechos dos depoimentos que dialogam com o objeto construído – as visões dos jornalistas sobre o fenômeno da imprensa alternativa – foram decupados e se buscou categorizar os depoimentos do jornalistas com o intuito de estabelecer elementos de semelhança e de diferenciação em suas práticas e em suas estratégias de contestação ao regime.

##### **4.1 O jornalismo socialista de Raimundo Pereira**

Raimundo Pereira pode-se encaixar como o principal jornalista da categoria dos periódicos políticos (KUCINSKI, 2018), pois a frente criada pelo agente se constitui com a “mais prolífica de todas as linhagens, surgida em torno do Amanhã, criado (...) em 1967”. A proeminência de Pereira enquanto tronco de uma linhagem de jornais é tamanha que os jornais políticos que surgiriam em momentos futuros se enquadrariam basicamente como parte da “evolução dessa linhagem (...) e da sua articulação com os partidos clandestinos” (KUCINSKI, 2018, p. 36).

No que tange ao posicionamento de Pereira no jornalismo, o agente não se contentava com a posição no campo jornalístico que ocupavam os jornais da mídia convencional, que para ele “havia adotado uma ‘estratégia de adesão’, havia se vendido ‘no sentido mais simples da palavra” (KUCINSKI, 2018, p. 301). Pereira, então, buscava realizar uma prática jornalística classificada por ele próprio como *crítica*.

De maneira geral, entrevistado por Ricardo Carvalho no depoimento com mais de três horas de duração, Pereira discorre amplamente sobre as décadas em que integrou importantes frentes jornalísticas no período da ditadura, expressa suas visões sobre política, jornalismo e resalta aspectos considerados por ele relevantes em sua trajetória. Os dois principais periódicos em que atuou foram “Opinião” (1972-1975) e, após uma ruptura com o empresário e dono do jornal, Fernando Gasparian, Pereira se engaja no “Movimento” (1975-1981).

Ao discutir sobre a questão da censura, Pereira reitera o argumento de que a imprensa convencional, por seu turno, acatou de maneira geral à repressão política dos aparatos estatais. O governo do ditador Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) obteve o “paraíso” do milagre econômico a partir da repressão a qualquer contrapartida das oposições. O período de seu mandato ocorre quando a censura que se institucionalizou, com respaldo do AI-5, passa a atuar nos grandes periódicos convencionais e alternativos. A reflexão sobre a censura no depoimento de Pereira se evidenciou mais amplamente em temas que eram polêmicos justamente pois denunciavam os elementos arbitrários do regime – como a morte do estudante de Geologia da Universidade de São Paulo (USP), Alexandre Vannucchi Leme<sup>12</sup>:

*É contraditório, né? Porque eram dois caras (...) a serviço mesmo e não queriam conversa. “Não pode, não pode! Acabou, não vem com história isso aqui não vai sair. Mas ao mesmo tempo eram dois seres humanos que tavam ali.... “Não, não, pode, então que que pode? Então não pode citar o NOME do Vannucchi” (...). Então eu dizia: “vamos fazer uma matéria sobre a missa, sem citar o Vannucchi” (...). Você percebe, se você não vai ficar reclamando em casa, mas tem uma chance de algum tipo de luta... porque tava todo mundo sabendo, todo mundo careca de saber que a missa de São Paulo é a missa de Dom Paulo [Evaristo Arns] era pro Vannucchi. E todo mundo tava lá por causa disso. Então fizemos o jornal, não citamos o Vannucchi, e foi um sucesso enorme. Isso aqui vendeu 38.400 exemplares em banca. Todo mundo sabia, e todo mundo sabia que o jornal era porta voz daquela aspiração (...). Nem era necessária essa informação praquela pessoal.”<sup>13</sup>*

Pereira utiliza uma estratégia de comunicação usada com certa frequência por jornalistas para driblar a censura: discutir um certo tema sem mencioná-lo diretamente com intuito de enganar o censor. Como ele bem enfatizou, “foi um sucesso enorme”, contudo a interferência e a utilização de contra-estratégias advindas da repressão política surgiram logo em seguida:

*O que que acontece depois desse número? Pessoal de Brasília diz: “oh, não adianta!” (...). Mas nós tivemos que fazer o jornal, não fechar, porque o jornal tem que ser atual, semanário, fecha sábado de madrugada. Nós tínhamos que fechar na quarta-feira, mandar tudo pra Brasília, volta o material e é esvaçalhado. Aí eles começam a fazer uma censura em Brasília assim: você manda três jornais e eles te devolvem um. Você manda material suficiente pra fazer três jornais e eles vão cortando. Cortando até... De início os cortes eram até, assim, o cara tem uma frase que tem um “sim” e ele corta pra deixar “não”. Chegaram a cortar a coluna de xadrez.”<sup>14</sup>*

<sup>12</sup> Vannucchi Leme foi um estudante e militante da Ação Libertadora Nacional (ALN) morto nas dependências do Doi-Codi em 1973. A morte de Leme foi um dos fatores que aglutinou a sociedade civil e a Igreja Católica em um bloco de oposição ao regime.

<sup>13</sup> RP [42:51- 44:43].

<sup>14</sup> RP [44:50- 45:57].

---

*Então o jornal começa a ser mutilado. E a censura consegue seu objetivo, porque a venda do jornal cai (...) porque não tem conteúdo, ninguém comprava o jornal porque estava nos ajudando, estava nos dando esmola. O cara queria informação. E aí ficou uma discussão, dentro do jornal, fecha ou não fecha e tal. E aí prevalece a ideia de que vamos continuar resistindo etc.<sup>15</sup>*

A ditadura, por seu turno, tinha por objetivo dificultar a circulação dos periódicos ao dificultar a manutenção de sua estrutura organizacional – o “Opinião”, por ser um semanário localizado no Rio de Janeiro, lidava um obstáculo ao ter que enviar diariamente para Brasília os materiais para censura. A Polícia Federal, em contrapartida, buscava prejudicar a regularidade do periódico ao atrasar a entrega do conteúdo, assim como alterar o significado das mensagens em benefício da ditadura e cumprir seu objetivo com a queda de vendas e a perda de qualidade do jornal.

Do ponto de vista inferencial, é interessante notar o comportamento que Pereira demonstra, no decorrer de seu depoimento e na análise de sua trajetória, de que a sua percepção de jornalismo pode até mesmo ser encarada como uma missão e como uma trajetória engajada. Pode-se notar que o agente dedicou – e tem dedicado, como consta no depoimento – sua vida na disputa pelo modelo de jornalismo que defende: o jornalismo socialista.

Quando questionado por Ricardo Carvalho sobre por qual razão o modelo de jornal classificado por Pereira como burguês se distingue de um jornal alternativo, o agente diferencia aquilo que considera como bom jornalismo a partir da contraposição que faz ao jornal burguês, o qual ele alega que tem tomado rumos “cada vez mais baratos e vagabundos”. Pereira responde:

*Primeiro ele pode ter essa perspectiva muito mais ampla, o jornal burguês como ele se sustenta comercialmente e usa de vários truques pra se sustentar (...) O jornal é um produto cultural, o produto cultural exige um leitor como eu, o rumo que a imprensa burguesa tá tomando, como jornais cada vez mais baratos e vagabundos. Agora tem jornal do Brasil a 25 centavos, que são os que mais vendem. Porque a burguesia tá amarrada nesse problema do baixo nível de consciência popular. A imprensa burguesa de maior circulação surgiu nesse momento. [Joseph] Pulitzer e [William Randolph] Hearst são homens da teorização disso. O Hearst dizia assim: “você nunca perde dinheiro quando você subestima o nível de consciência do povo”.<sup>16</sup>*

Para Pereira, o jornalismo burguês tem tomado rumos que ele não considera adequados para a prática jornalística, pois o caráter comercial, com foco em lucros em detrimento de um eventual interesse público, advindos da imprensa convencional, muitas vezes degrada a qualidade daquilo que ele considera como o *bom jornalismo*: um modelo de

---

<sup>15</sup> RP [49:32- 49:55].

<sup>16</sup> RP [3:07:08- 3:08:35].



*jornalismo popular* que tenha por objetivo elevar a consciência popular dos leitores. Neste trecho do depoimento se percebe a disposição do jornalista a encarar a imprensa alternativa como responsável pela conscientização política de seus leitores.

*O Hearst dizia o seguinte: aqui tá o nível de consciência do povo [sinaliza com a mão], você vai ficar olhando e fazer um pouquinho e um pouquinho mais baixo, pra ganhar dinheiro. Então se você faz uma coisa pra elevar o nível de consciência do povo você perde. E isso é um movimento que pra mim, eu sou socialista, é o oposto do jornalismo socialista. O jornalismo socialista tem que ter como tarefa elevar o nível de consciência e de cultura do povo.*

A concepção de jornalismo nomeada por ele como *socialista*, diz respeito à concepção gramsciana de jornalismo<sup>17</sup>. Bem como enfatiza Kucinski (2018, p. 17): “Havia entre as concepções vigentes uma forte inspiração gramsciana, entendendo os jornais como entidades autônomas, com o principal propósito de contribuir para a formação de uma consciência crítica nacional”. Um dos aspectos mais interessantes que deixa transparecer na fala de Pereira é o fato de que o agente não nega o jornalismo em sua dimensão formal e sim no conteúdo: quando discute o modelo de jornalismo que acredita que seja legítimo, Pereira reconhece a importância da imprensa burguesa – de maneira crítica – e considera que o meio adequado de se praticar jornalismo é a partir da superação de modelo de jornalismo liberal (ou burguês, como chama o agente). Ou seja, a utilização da prática jornalística para fins democrático-populares – o que se modifica, então, são os interesses pelos quais os jornais se guiam:

*Um jornal assim, tipo, dois cadernos de dezesseis páginas (...) tem que ter uma redação de altíssima qualidade, portanto, implica também em ter alguma grana (...) Tem que ser pelo menos um meio milhão, com meio milhão já dá pra, com uma equipe, se você tiver uma equipe muito boa, usar muito a internet(...) A consigna é a seguinte: destruir o jornal burguês, mas fazer um melhor.<sup>18</sup>*

Sobre a questão da relação entre forma e conteúdo, a inspiração de Raimundo Pereira para o *Opinião* foram jornais que embora possuam caráter crítico, não se classificam como socialistas – o que demonstra que o posicionamento de Pereira se relaciona muito mais com qual classe comanda a imprensa do que necessariamente uma crítica ao jornalismo em si. Na visão do profissional, embora a imprensa classificada burguesa vise o lucro acima da qualidade e da construção de um modelo de jornalismo crítico, esse modelo de imprensa possui

<sup>17</sup> Apesar de seu caráter fragmentário, devido à trajetória peculiar de Antônio Gramsci, a obra “Os Intelectuais e a Organização da Cultura” (1968) se tornou um manual entre intelectuais e jornalistas no período histórico em questão (KUCISNKI, 2018).

<sup>18</sup> RP [03:02:48- 03:04:01].

uma ampla estrutura organizacional e de financiamento. Dessa maneira, ele se posiciona no campo jornalístico à margem do modelo de jornalismo convencional e busca demarcar sua visão como legítima no campo jornalístico ao assumir uma luta simbólica que, de maneira mais ampla, reflete a divisão do espaço social no qual o agente exerceu seus anos de resistência: um mundo polarizado entre as ideologias socialista e capitalista – e sendo assim, uma imprensa alternativa seria alternativa ao capitalismo, com os trabalhadores a superar a estrutura patronal dos jornais e, dessa forma, assumir o comando dos jornais.

Por fim, com o intuito de compreender uma outra prática de resistência à ditadura militar, o próximo depoimento analisado será o de Ziraldo.

#### 4.2 Ziraldo e “O Pasquim”

Ziraldo Alves Pinto, mais conhecido sob a alcunha de Ziraldo, foi participante de uma das principais – e mais bem sucedidas – experiências jornalísticas alternativas em âmbito nacional. De maneira geral, os integrantes d’O Pasquim se posicionam em um espaço diferenciado do campo jornalístico em detrimento dos periódicos políticos dirigidos por Raimundo Pereira, como “Opinião” e “Movimento”, pois “O Pasquim” não se tratava de um jornal com vertentes políticas – no sentido de influência direta do pensamento de esquerda dominante, de cunho marxista. As influências dos participantes d’*O Pasquim* se encontravam nos movimentos de contracultura surgidos nos Estados Unidos e em vários países da Europa entre as décadas de 1950 e 1960, como também no existencialismo de verve francesa do filósofo Jean-Paul Sartre. Malgrado Fernando Gasparian, por exemplo, tenha se inspirado na estrutura organizacional e financeira do periódico satírico, o empresário buscava construir uma alternativa intelectual ao criar o *Opinião* (KUCINSKI, 2018).

Percebe-se que a atuação de Ziraldo na resistência ao regime se utilizou do humor como ferramenta de deslegitimação simbólica de sua hegemonia (NAPOLITANO, 2015). Como ele próprio ressalta sua função é “passar o riso em volta do tirano” a partir da utilização do humor, mediado pelos cartuns. Em sua percepção sobre o papel dos jornalistas-cartunistas, o profissional recorre ao repertório histórico de sua profissão como instância de legitimação para afirmar que, em momentos de autoritarismo, há necessidade de participação e de intervenção no plano social – elemento evidenciado quando Ziraldo faz a ressalva de que tinha consciência de que ele e seus pares viviam um “momento histórico” e de que não poderiam evitar de participar. Relata o agente:

*Eu não sei o que seria da minha vida se não tivesse atravessado esses anos de fundo sem participar da resistência, entendeu? Porque uma grande*

---

*quantidade de jornalistas tem uma certa tristeza de não ter tido coragem. Tem uma certa, assim... uma certa implicância com a gente, porque, de qualquer maneira, pra todos os efeitos, a gente foi para os externos corajosos, a gente botou o da gente na seringa. A gente foi lá e disse: “não concordo com essa merda!”. A gente foi! Agora, não tem heroísmo nenhum nisso, isso é da natureza da pessoa... Todos os cartunistas do mundo, desde a invenção da imprensa, desde os franceses, os ingleses e tudo mais, sempre passaram o riso em volta do tirano. Quer dizer, a gente tinha mais ou menos isso(...) era um sentimento que... a gente não podia ficar fazendo cartum.<sup>19</sup>*

*A gente tinha essa consciência de que a gente tava vivendo um momento histórico e a gente tinha que repetir o pessoal do [Honoré] Daumier, os ingleses lá (...) Mas é isso, a gente entrou porque era inexorável, a gente não tinha como não participar.<sup>20</sup>*

*O Pasquim* evidenciava suas tendências anárquicas – não no sentido pejorativo da palavra – ao buscar democratizar as relações entre seus membros e em sua busca pela liberdade comportamental. O foco do jornal, por ventura, se recaía na crítica aos costumes convencionais e ao moralismo da classe média (KUCISNKI, 2018). Em relação à época histórica do jornal, *O Pasquim* foi uma experiência longínqua no panorama da imprensa alternativa. Seu primeiro número foi publicado em junho de 1969 e percorreu uma extensa trajetória até o fim da década 1980, mais especificamente em 1988 – contudo, pode-se afirmar que o seu apogeu ocorreu na década de 1970, período em que atingiu tiragens de até 225 mil exemplares (KUCISNKI, 2018).

No início de sua experiência profissional, Ziraldo relata que suas preocupações fugiam do escopo político e que passou a trabalhar com charges políticas somente após o golpe e com o acirramento da ditadura sob égide do AI-5, momento no qual, segundo ele, “todos viraram políticos”:

*Nós éramos– Millôr, Jaguar, Fortuna, Claudius e eu–, nós éramos os meninos do Millôr. A gente era quatro cartunistas cujo desenho tinha uma qualidade internacional, quer dizer, os cinco podiam desenhar na França, na Inglaterra, porque a gente tava preocupado com a qualidade do desenho, a gente era desenhista de humor. Primeiro livro que saiu com nosso trabalho era assim: “Dez desenhistas de humor”, a gente não se chamava de caricaturista (...). Eu não fazia charge política, eu era cartunista só, preocupado com a qualidade do desenho e tal, mas eles foram botando a gente contra a parede, contra a parede, contra a parede e nós viramos todos políticos, né? E aí *O Pasquim*, com humor, enfrentou toda a ditadura esse tempo todo, com prisões, com bomba jogada na redação.<sup>21</sup>*

Em um panorama de liberdade de imprensa cerceada, o jornalismo considerado mais “sério”, do ponto de vista de preocupação sócio-política, ocupava menos espaço em um

---

<sup>19</sup> Ziraldo [34:51- 35:58].

<sup>20</sup> Ziraldo [36:49- 37:18].

<sup>21</sup> Ziraldo. [3:30- 4:55].

momento de fechamento dos espaços de produção e de circulação simbólica. Com o acirramento do regime em 1968 se limitavam os locais onde chargistas poderiam publicar seus trabalhos – o que demonstrou a necessidade de um veículo de imprensa com intuito de agregar diversos humoristas e desenhistas brasileiros com preocupações no âmbito político. Segundo Kucisnki (2018), a formação de um jornal de caráter aglutinador movia os interesses tanto dos jornalistas experientes – como Jaguar, Ziraldo, Millôr Fernandes, Fortuna e Claudius – que buscavam mais liberdade criativa em suas práticas, como também dos chargistas novos que tencionavam espaço para reconhecimento de seu trabalho – sendo o principal representante dessa geração Henrique de Souza Filho, popularmente conhecido como Henfil.

Como estratégia comunicacional para rebater previamente as críticas que um jornal humorístico calcado na sátira sofreria, Jaguar, um dos membros fundadores, sugeriu que a própria nomenclatura do periódico fosse “pasquim”, sinônimo para um jornal vagabundo:

*E aí, na reunião que preparatória que eu não tava, Jaguar disse a frase: “Já que vão chamar a gente de Pasquim mesmo” – pasquim é um jornal vagabundo – “já que vão nos chamar de pasquim, vamos botar o nome de Pasquim, vamos assumir o Pasquim”.*<sup>22</sup>

Sátira e humor foram dois valores perceptíveis na análise da a entrevista de Ziraldo em contraposição ao jornalismo socialista de Raimundo Pereira. Os momentos de repressão sofridos pelos jornalistas do periódico e relatados por ele remetem a uma postura diferenciada da maneira como os profissionais da imprensa política lidavam com a censura, pois muitas vezes esses agentes se utilizavam do humor para questionar o *ethos* autoritário representado pelos militares. Em duas passagens do depoimento se sobressai o modo como Ziraldo e os outros integrantes do jornal lidaram com a repressão política: quando o agente enviou um cartão para uma censora e na relação afetiva entre os membros de “O Pasquim” e um determinado censor. Conta o cartunista:

*Tem uma história muito curiosa, que eu fui pra Itália e nós estávamos sendo censurados por moças na delegacia política aqui do Rio de Janeiro (...). Nessa época, ia pra delegacia aqui, eles censuravam (...) tudo, com desenho, tudo, a gente fazia três ou quatro números. Entendeu? Aí voltava, a gente fazia muito que era pra poder pescar, botava coisa pra eles proibirem pra liberar o que a gente queria e tal.*

*(..) Aí eu fui pra Itália e mandei um retrato, mandei um cartão postal do Davi de Michelangelo de costas, só com a bunda dele. Mande lá pra polícia, pras três meninas. Aí eu falei:*

---

<sup>22</sup> Ziraldo. [8:48- 9:04].

---

- Olha, eu tô mandando o David de costas, porque se eu mandar de frente vocês vão cortar o p\*nto dele.

*Aí mandei esse cartão. Quando eu cheguei aqui, a censura tinha sido tirada da... elas foram removidas por dar confiança aos censurados e a censura passou pra Brasília, ia pra Brasília...*<sup>23</sup>

Em pleno AI-5, Ziraldo enviou um cartão com piadas para uma censura – um meio de resistir à hierarquização estabelecida pelos aparatos de repressão política a partir do humor. A fala do cartunista é pertinente para se notar como se estabelecia o relacionamento entre jornalista e censor. O agente também notabiliza o caráter multifacetado do processo de repressão política estatal (AQUINO, 1999) quando discorre sobre uma relação de certa afinidade com um dos censores, o general Juarez Paz Pinto, em certo período do jornal:

*O general ligado ao Golbery [do Couto e Silva] pediu a um general pai da garota de Ipanema, bonitão parecia com o Steve McQueen... bonito, simpático, da cavalaria, pra ser o chefe da censura. Então, ele virou o nosso protetor, chamava a gente ‘os meus meninos’, ‘os meus meninos’ e ficava na praia, sentado com os amigos, e o Ivan Lessa levava ‘O Pasquim’ lá pra ele censurar. Ele lia e dizia assim: “mas essas anedotas tão uma bosta, tão muito sem graça Ivan Lessa. Eu vou cortar porque são muito ruins, eu vou mandar umas anedotas que eu tenho pra você botar no jornal.”*<sup>24</sup>

O convívio entre a censura e os censurados se desfez com a capa da edição número 105, com o título “Todo paulista (que não gosta de mulher) é viado”, quando o general afirma que não compreendeu o sentido da palavra “bicha” e levou uma bronca de seu superior – o que gerou um ataque homofóbico e um rompimento entre a relação “amigável” no veto ao jornal:

*Aí nós fizemos uma capa d’O Pasquim que era assim: “Todo paulista é bicha”, “Todo paulista que não gosta de mulher é bicha” (...). O jornal ficou exposto na banca que já usava mais o jornal e vendeu cem mil exemplares em São Paulo. E aí o general foi chamado pelo [Alfredo] Buzaid<sup>25</sup> pra poder dar um esporro nele. Ele voltou e disse: “rompi com vocês! Rompi com vocês! Rompi! Rompi! Rompi! Vocês me fazem cada traição danada. Eu acho “bicha” todo mundo fala. No Macaranã todo mundo tá falando bicha, eu liberei “bicha”. Agora, eu não suporto viado, eu tenho ódio de viado, eu não gosto nem de olhar pra viado. E este viado desse ministro me chama lá pra me esculhambar, eu queria dar uma porrada naquela filha da p\*ta daquela bichona!”*<sup>26</sup>

O caráter complexo e até mesmo contraditório da censura brasileira sobre o qual Aquino (1999) discute pode ser percebido na relação entre os integrantes da patota – nomeação

---

<sup>23</sup> Ziraldo [13:18- 15:05].

<sup>24</sup> Ziraldo [16:17- 16:55].

<sup>25</sup> Ministro da Justiça do governo Médici.

<sup>26</sup> Ziraldo [16:57- 18:02].

que os próprios jornalistas se davam, em vez de redação – e o general Juárez, que, embora fosse um agente regulador da legitimidade do que seria publicado no jornal, mantinha uma relação de proximidade e até mesmo fazia brincadeiras com os jornalistas. O estranho afeto mostra uma maneira diferente da relação de reagir ao processo de censura do que os jornalistas que orientados pelos princípios da esquerda marxista. Em síntese, Ziraldo se utilizou das ferramentas historicamente apreendidas pelos profissionais cartunistas para resistir ao período da ditadura: o humor como ferramenta de confronto.

## 5. Considerações possíveis

Como se argumentou na discussão teórica, há necessidade de entender os desdobramentos da categoria de imprensa alternativa para, assim, compreender as diferentes propostas editoriais, estéticas e políticas dos periódicos alternativos responsáveis – em parte – pela deslegitimação do projeto da ditadura (NAPOLITANO, 2015; 2018; KUCINSKI, 2018). No caminho de conclusão das ideias esboçadas neste artigo, retorna-se às duas perguntas realizadas na Introdução: 1) Como os dois agentes atuaram no processo de resistência à ditadura militar?; 2) Como eles lidaram com o aparato repressivo do regime?

Raimundo Pereira e Ziraldo contribuíram na luta simbólica contra o Estado autoritário em periódicos diferentes, a partir de visões divergentes calcadas em díspares condições objetivas e subjetivas. Ziraldo, influenciado pelo ambiente descontraído de “O Pasquim”, se valeu do riso e do deboche como meio de resistência à ditadura e aos seus mecanismos de repressão, como a censura. A própria percepção satírica de seus pares e o relacionamento com um general que, embora fosse um censor, demonstrava afeto pelos profissionais, mostra as contradições do período histórico em debate. A visão política de Ziraldo, embora revestida de viés crítico, não se fundamentava no imperativo revolucionário reivindicado por Pereira.

Em contrapartida, influenciado pelos debates da esquerda marxista, o jornalista do “Opinião” e do “Movimento” parte do princípio de que a imprensa alternativa é a imprensa com pretensões anticapitalistas, pois deve superar o que ele próprio classifica como “jornalismo burguês”, com intenção de construir um “jornalismo socialista” que vise aumentar a consciência popular. Mesmo que não tenha se armado dos artifícios do humor como arma simbólica de contestação à ditadura, Raimundo Pereira se valeu de uma visão engajada para a construção de um jornalismo crítico em contraposição à sua mercantilização e à interferência dos planos econômico e político na autonomia da profissão.

---

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado Autoritário (1968-1978):** o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

CONSELHO e equipe. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/o-instituto/conselho/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, 244p.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** no tempo da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. A resistência cultural durante o regime militar brasileiro: Um novo olhar historiográfico. In: **Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.** (Org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **1964:** História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2018, 365p.

NOSSA história. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/nossa-historia/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

O Instituto. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/o-instituto/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Revisando os conceitos de comunicação popular, Alternativa e Comunitária.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: 2006. Acesso em: 20 de dez. 2019.

PROTAGONISTAS dessa história. **Resistir é Preciso:** São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://resistirepreciso.org.br/protagonistas-dessa-historia/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

UNIDADES de ação. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/unidades-de-acao/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.